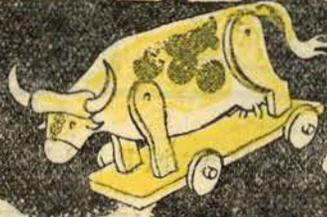


DIM-DAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 661

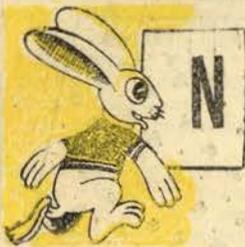


SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ARC HOOD

A O TELEFONE

é que se conhece a educação

por LEONOR de CAMPOS



O escritório da fábrica. O telefone

toca: Trrim-trrim! Trrim-trrim!...

O gerente, o senhor Bastos, atende. Levanta o auscultador e grita:

— Diga!...

Do outro lado do fio, uma voz de homem adverte:

— Diga?!... Que feio!...

Custa-lhe muito ser bem educado?

Bastos: — O quê?

Voz: — Sim. É má educação

responder: «Diga!» ao telefone. Não sabia?

Bastos, zangado: — Não sabia nem me interessa!...

Voz: — Pois é pena!... Porque, se lhe interessasse em ensinar-o a responder: «Está lá?» ou então: «Faça favor de dizer!...»

Bastos, cada vez mais irritado: — Você é mestre-escola? Mas eu é que já não tenho idade para ser aluno. Percebeu?

Voz, irónica: — Nunca é tarde para aprender... educação...

Bastos, em ponto de rebuçado: Era só isso o que queria dizer-me? Não tem que fazer? Pois olhe que eu tenho muito. Passe bem!... Idiota!...

Desliga. O telefone volta a tocar.

Bastos atende, de repelão. — Que há mais?

Voz: — Não se zangue, Bastos. Sou eu outra vez. Sabe? Estou admirado por você não ter reconhecido a minha voz...

Bastos, com suores frios: — Oh!... Ih!... Ah!... O senhor... Impossível!... Vossa excelência... é...

Voz, a rir: — Sou eu, sou...

Bastos, atrapalhadíssimo: — Mas... V. Ex.ª ainda não há 15 dias me escreveu de Moçambique...

Voz: E então? Que há nisso de extraordinário, nesta era do avião?

Bastos: — Ah, sim. Compreendo, senhor Director. É peço desculpa a V. Ex.ª da maneira porque lhe falei. Nunca pela cabeça me passou que pudesse ser V. Ex.ª Julguei que fôsse um desconhecido, ou qualquer empregado, que estivesse a entreter-se comigo!... Porisso fui tão mal educado!...

Director: — Então, você só é bem educado para os conhecidos e para os superiores?

Bastos, atrapalhado: — Não. Não é bem isso!... Mas...

Director: — Já sei, já sei. Compreendi. Você é delicadíssimo, é veludo cristal para aqueles de quem depende

Para os outros... é o que se viu... Bonito!... Muito bonito...

Bastos: — Mas...

Director: — Ouça uma coisa, Bastos. Inverta os papeis e coloque-se no lugar de um dos nossos empregados. E há na fábrica outro senhor Bastos que o trata... como você há pouco me tratou...

Bastos, aflito: — Oh, senhor Director...

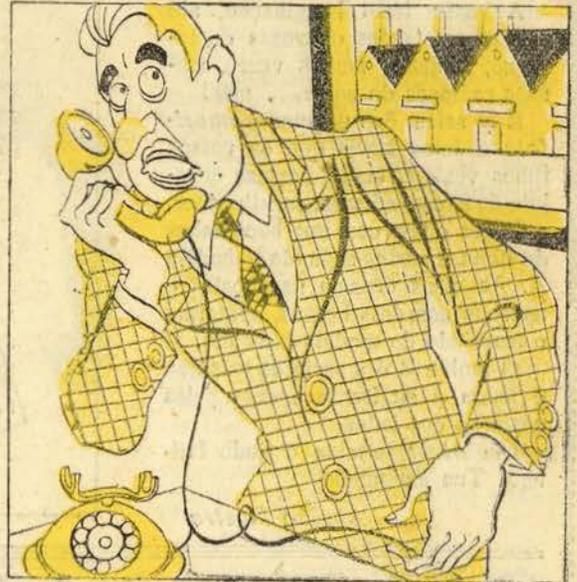
Director, como se o não ouvisse: — Você gostava? Não se sentira revoltado quando um senhor Bastos qualquer, só por que o Destino lhe deu maiores facilidades na vida, lhe falasse com maus modos? Ora pense lá um instante e faça de conta que é o empregado!...

Bastos: — Mas... eu não posso tratar os empregados tu cá, tu lá...

Director: — Claro que não. Mas há uma grande diferença entre familiaridade e cortezia. E nós temos restrita obrigação de ser cortezos para toda a gente! Tô... da a gen... te. Entendeu?

Bastos, envergonhado: — Muito bem, senhor Director.

Director, risonho: — E agora, Bastos, visto que o mestre-



(Continua na página 5)



O CESTINHO DA COSTURA

SECCÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Maria de Fátima

Nem sempre os nossos pedidos podem ser atendidos com a rapidez desejada e, por isso, só hoje te apresento o modelo do fatinho de praia, que me pediste para a tua boneca.

Mas para a personagem a que se destina, é sempre tempo, não é verdade?

A vossa fértil imaginação, até mesmo em tardes chuvosas de inverno, fantasia, muitas vezes, manhãs radiosas de sol e... mar!

E lá saem das gavetas os *mail-lots* e fatos leves que os vossos filhos vestem, com a certeza absoluta de não apanharem constipações.

Fazes o fato com uns bocadinhos de chita e cortas segundo o modelo A. As alças cruzam nas costas e apertam com dois botões, conforme o tracejado do modelo indicado.

O molde B é a parte de trás que é unida á da frente apenas pelas costuras dos lados.

Um *picot* termina o lindo fatinho. Tua amiguinha

Abelha Mestra



SETEMBRO

Por GRACIETTE BRANCO

Inocentes passarinhos voando de lado a lado, buscam os fundos dos ninhos num pipilar assustado!

Sobre trigos, sobre milhos, sobre olivedos, pinhais, os Pais procuram os filhos e os filhos buscam os Pais.

Nada fizeram! Os Céus que existem por sobre as casas,

foram presentes, que Deus ofertou às suas asas...

Porque hão-de matar-se agora estas aves inocentes? Dão mais graça à luz da Aurora e mais encanto aos poentes,

E pensam: — (com que razões!) — os homens, — que sorte crua! — no lugar dos corações puzeram pedras da rua!





O MOÇO DO MOLEIRO

Adaptação de M. F.

O Joaquim, que tinha um moinho de velas brancinhas lá no alto da serra, chamara para o serviço de recados o Antônio Saltarico.

Depressa se arrependeu daquela resolução que, diga-se em louvor dos sentimentos do moleiro, tivera origem no desejo de proteger o pequeno, que estava sem pão e sem abrigo.

Orião de país, que apenas lhe deixaram um nome honrado, o Antônio tinha um defeito: esquecia e confundia tudo.

Naquela tarde, o Joaquim moleiro quiz medir o trigo que lhe haviam mandado do Casal do Lobo, uma propriedade de lavradores abastados. Como as medidas estavam, naquela ocasião, emprestadas ao Zé da Tereza, seu compadre, chamou o Saltarico e disse-lhe:

— «Vai, da minha parte, pedir ao compadre que te dê a medida de dez litros e a de um litro, que ele lá tem.»

O Saltarico, na forma do costume, disse que tinha compreendido, mas, também na forma do seu costume, em pouco tempo deturpou o recado.

Pelo caminho fôra, para não se esquecer, ia dizendo:

— «Que dê a medida de dez litros

e a de um litro... Que a medida de dez litros dê um litro... já não me esqueço!..»

Passou por um campo, onde estava um lavrador a semear trigo. Ao ouvir o rapaz dizer que dez litros dê um

— «Mas eu dizia isso para não me esquecer...»

— «Não é assim que se diz, men palerma. O que tu devias dizer é que saia todo.»

O rapaz lá se foi: Escusado será dizer que não se lembrava já do recado do moleiro. Continuou o caminho e viu um saloio muito atrapalhado às voltas com uma das bilhas que estavam sobre o dorso do burrico. Estava exaltadíssimo porque uma bilha tinha-se arrebado e o azeite entornara-se pelo chão.

O Antônio Saltarico passou perto do azeiteiro e, para não se esquecer do que o lavrador dissera, ia repetindo:

— «Queira Deus que saia todo... Deus queira que saia todo...»

Então, fulo, o azeiteiro agarrou numa varinha e descarregou-a em cima do rapaz que lá se justificou...

— «Isso não se diz, meu tolo. Tu devias dizer que não saísse nenhum...»

Choramingando, o pequeno procurou lembrar-se, daí para o futuro, das palavras do azeiteiro. Daí a pouco, estavam dois homens a tomar banho no rio. Sentiam-se atrapalhados, pois os pés enfiavam-se no lodo.

Nisto, o rapaz passou ao pé deles, dizendo:

— «Oxalá não saia nenhum...»

O pior da festa é que, daí a pouco, um dos homens safu da água e auxiliou o outro.

(Continua na página 7)



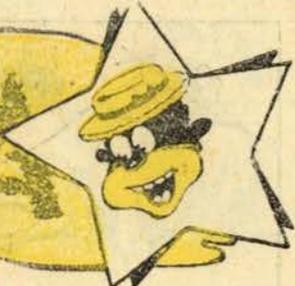
litro, o homenzinho zangou-se deveras e deu um sopapo no Antônio, dizendo:

— «Oh, maroto, ave agoureira, então tu ias a dizer que de dez litros saia só um litro?»



O PRÊTO ZABUMBA

por MANUEL FERREIRA
desenhos de RUY MANSO



coronel Matias, meu velho amigo, que andou nas campanhas coloniais, encontrou um pretinho abandonado. Negro como um carvão, o pequeno tinha, talvez, os seus dez anos. Os pais haviam morrido vítimas do *pandoro*, que na linguagem indígena quer dizer «leão». Ao ver estacionar as tropas comandadas pelo coronel Matias, foi-se-lhe apresentar, dando indicações curiosas sobre o sítio.

O rapaz caiu em graça. Chamava-se Zabumba.
Certo dia, já numa cidade africana, na volta da expedição, o preto pediu ao coronel vinte escudos emprestados para comprar um *paltinhas*, botões de punho e um par de luvas. O coronel, de bom grado, satisfez o seu pedido. Daí a duas semanas, Zabumba procurou o patrão:
— «Patalão, mim ir mudar de nome!»
— «Então como é que te queres chamar?»
— «D. António de Noronha ser um

nome muito bonito. Ser o nome dum *siô* que *morar* aqui perto. *Mim passar* a ser D. António de Noronha!»

O coronel riu-se e perguntou-lhe daí a dias:
— «Olha lá, menino, quando é que tu me dás o dinheiro?»
Riu-se o preto, mostrando a denteça alvíssima; depois, pausadamente, respondeu:

— «Mim não pagar nada!»
— «Não pagas?» refilou o patrão.
— «Sim; *siô Patalão* emprestar vinte escudos a Zabumba. Zabumba já não existir. Existir, agora, D. António de Noronha que não ter nada com isso.»

O coronel riu, à sucapa, da ideia do espertalhão. Mas, um dia, foi dar com o chão sujo do pó de talco, que usava para pôr numas borbulhas. Viu logo que o preto, julgando que era pó de arrôz, se tinha enfeitado para parecer bonito e por isso perguntou-lhe:

— «D. António, que fizeste tu, aqui?»
— «*Siô, mim passar* aqui com muita pressa; com o vento, gaveta *abrir-se*, cair caixa de pó no chão e pó *espalhar-se* todo. *Mim*, atrapalhado, querer apanhá-lo, *sujar* as mãos e *esfregar*, sem querer, as mãos na cara!»

Daí a tempos, houve uma expedição científica no interior da África, D. António de Noronha seguiu como criado do coronel Matias. Este deu ordem para que, à noite, ninguém saísse do acampamento sem lanterna.

Na segunda noite, um dos soldados veio à barraca do coronel. Trazia um preto que barafustava, Matias viu logo que era o criado e repreendeu-o:

— «Então, não sabes as ordens da expedição?»
— «Mas, patrão, eu *levar* lanterna...»

— «Pois sim, — disse o coronel — mas a lanterna não tem vela.»
— «Ah, eu não *saber*...»
— «Pois ficas sabendo agora. Se voltas cá, ponho-te dois dias a meia ração.»

Na noite seguinte, o preto foi levado, novamente, à presença do coronel que berra:

— «Outra vez cá? Quantas vezes queres que te diga que deves levar a lanterna em condições?»
— «Mas, patrão, agora lanterna *ter* vela...»

— «O meu bruto, mas a vela não está acêsa.»
— «Ah, eu não *saber*...»
Nesses dois dias, o preto ficou a



meia ração. Mas, à terceira vez, já levava a lanterna acêsa.

Um belo dia, a expedição científica acabou os trabalhos. O preto deu em preguiçoso. Então, o coronel ofereceu-lhe um despertador:

— «E' para te levatares a horas, meu maroto.»

Zabumba levou o relógio para o quarto. No outro dia, levantou-se à hora marcada.

— «Então, ouviste o despertador?» — perguntou o coronel, todo contente.

— «Sim, patrão, mas, para às 6 horas estar a pé, eu *levar* tôda a noite a olhar para o *espertador*.»

Uma vez, o coronel, conversando com ele, disse:

— «Ontem fui cortar o cabelo. Lá se foram três escudos. Fiz a barba e gastei mais dez tostões.»

O preto desatou a pensar e, depois, teve esta ideia genial:

— «Mas, porque é que o *siô* não faz a barba à cabeça?»

(Continua na página 6)



OS DOIS CACHOS

POR LAURA CHAVES

Naquele ano tôda a uva
era mesmo de encantar,
pois viera a tempo a chuva
e aquilo é que foi medrar!

O vinhedo, — que tesoiro! —
carregado, vinha abaixo...
Só se viam bagos de oiro
a brilhar em cada cacho.

Valera a pena a canceira,
o sulfato mais as podas...
Mas a uva da parreira
era a mais grada de tôdas.

Um cacho que nela estava
era um grande toleirão
e com que maldade olhava
para os que estavam no chão.



E quando soprava a aragem
e o fazia baloiçar,
destacado da folhagem,
todo de oiro a rebrilhar,

julgava-se rei da vinha,
sempre altivo, num apramo,
mostrava os bagos que tinha
arrebetando de sumo.

E olhando um certo cachinho
que ao colo da mã videira
no chão pousava o corpinho,
porque a vida era rasteira,

exclamou com soberbia:
—«Ès a vergonha da vinha!
Para que é que nasceria
uma coisa tão fraquinha?»

Vê que precisa ter asas
o que chegar até mim.
Nem em vergonha te abraças,
cacho enfezado e ruim?

Qualquer senhora formiga
ou humilde lagartinha
te meterão na barriga!
Ès a vergonha da vinha!

O vento, que ali andava,
ao ouvir o seu falar,
sentiu uma fúria brava
e pôs-se logo a ralar.



Passou do ralho à pancada,
e deu-lhe tanto empurrão
que êle caiu da latada
e esmigalhou-se no chão...

Emquanto que o tal cachinho
ao cólo da mã videira,
por estar muito baixinho
resistiu à ventaneira.

.....
Pensem na verdade que há
nesta minha afirmação:
«Quanto mais alto se está
maior é o trambolhão».

(Continuado
da página 1)

escola já deu ao seu aluno uma lição de civilidade, porque estas palavras que entendi necessárias, ao seu velho amigo. Combinado?

Bastos, comovido: — Ah, senhor Director!... Que hei-de eu perdoar-lhe, se teve tanta razão? Eu é que de novo lhe peço...

Director, interrompendo: — Bem, bem. Não se faia mais no assunto. E amanhã lá irei á fábrica, para ver com isso vai!...

Bastos: — Tenho o maior prazer em tornar a vê-lo senhor Director...

Director: — Obrigado! Então... até amanhã!... Ah! Espere!... E não torne a gritar «Diga», quando atender o telefone. Só assim faz quem é grosseiro!... Sabe que eu até modifiquei aquêlê antigo ditado que dizia: — «A mesa e no jôgo é que se conhece a educação das pessoas?»

Bastos: — Então?...

Director: — Hoje o provérbio deve ser assim: — «Á mesa, no jôgo e ao telefone é que se conhece a educação das pessoas!... Boa tarde!...



CANDURA

Por JOSÉ DE OLIVEIRA

Andava na aula,
A aprender a ler,
A Joaquina Paula
Para ser mulher.
E lá no estudo
Ela era a melhor,
Pois que tudo, tudo
Sabia de cór!
Sua professora
Gabava-a, sem fim;
Mas melhor lhe fôra
Não fazer assim.
Porque, certo dia,



Lá numa lição,
Na qual se via
A preparação
Dêsses tormentosos
Exames de dôr...
Em que os preguiçosos
Suam, sem calor,
Da circunferência
Nomes perguntou
E só reticência
Na sala encontrou!
Nem, em tôda a aula,
A que era a melhor
(A Joaquina Paula)
Sabia de cór!
Então, para esta
Volta-se a dizer:
— «Vamos, seja lesta,
Diga, sem temer...»

Com todo o seu rosto
Cheio de rubor,
E as mãos no encôsto,
Disse, com temor:
— «Ô minha senhora,
Eu isso não sei...
(E, dizendo, cora
Qual réu, frente à lei!)

Então, esta linha
Que do centro sai,
Não é... ó Paulina,
Diga, já... é... rat...!

... Raio! Preguiçosa!
É raio! Não é?...»



Paula, corajosa,
Põe-se logo em pé.

— Raio, eu sabia,
De cór, muito bem;
Mas é que a «titia»
É a mamã também,
Dizem ao lacaio,
Mais ao meu irmão,
Que dizer: — «Eh! raio!...»
É mui feia acção!...»

ADIVINHA — PROBLEMA

Este menino com certeza que está passando por um transe aflitivo da sua vida. Ele vê, certamente, na sua frente, qualquer coisa bem aterrorizadora que até o suor lhe salta em várias direcções.

O que será?
Se os leitorzinhos quiserem saber, não tem mais do que recortar todos os pedacinhos pretos do desenho e colá-los, de forma a formarem o motivo do terror do rapazinho.

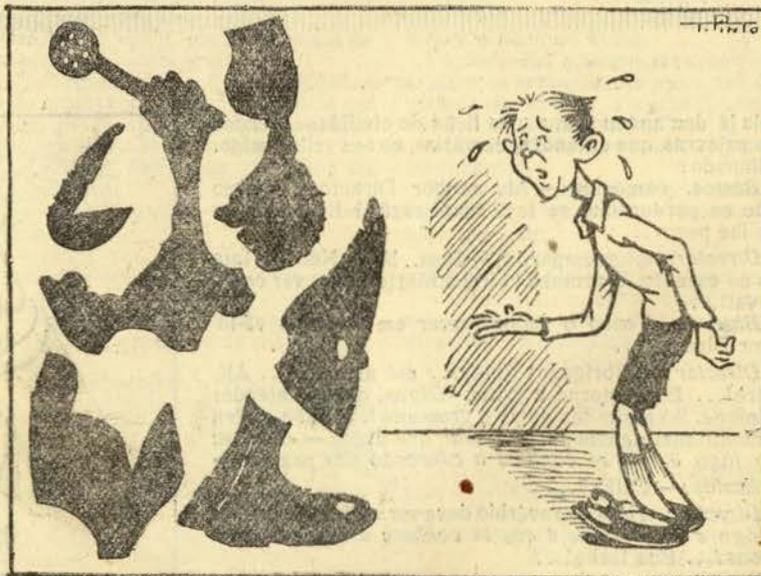
O PRETO ZABUMBA

(Continuação da página 4)

Embora o trabalho não fôsse muito, D. António de Noronha sentia pontadas nas costas, mal-estar, fadiga. Veio o médico que o achou «fracalhoto».

Daí a dias, foram encontrar o Zabumba à porta duma serração de madeira. Perguntaram-lhe que estava ali a fazer. Respondeu, a custo, todo sujo de serradura:

— «E' que o *siô doutô* disse para eu respirar os ares da serra...»



CURIOSIDADES UMA HABILIDADE

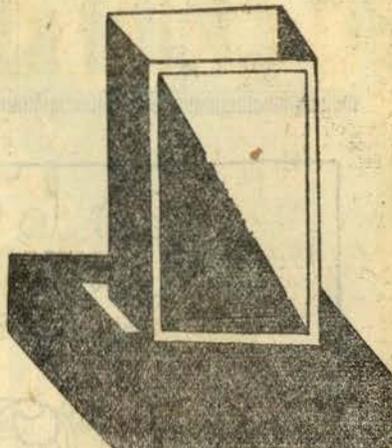
PASSATEMPO



Cã temos, hoje, Matias Pescador.
E quere-nos parecer que o vimos encontrar numa altura de sorte.
Que teria ãe pescado?
Algum cachucho? Algum peixe espada? Alguma baleia?.

Não sabemos...

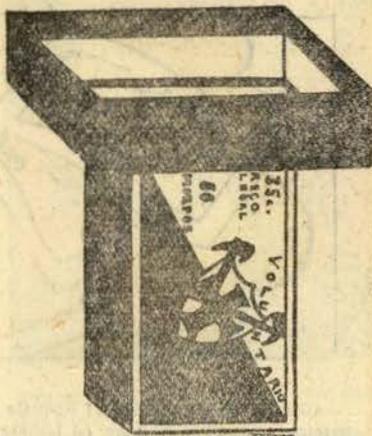
Mas se houver algum leitor que o queira saber, não tem mais que recortar os bocadinhos pretos da gravura e, com ães, procurar a «pesca» de Mestre Matias.



Olhando para a figura 1, vê-se uma tampa de caixa de fósforos colocada sobre a sua própria caixa.

O que se pretende é isto:
Conseguir trocar as posições destas duas partes, ou seja colocar a caixa de fósforos sobre a tampa, duma só vez, utilizando o dedo indicador e o dedo polegar, duma só mão.

Desiste?
Porquê?!



Colocando-se bem a boca na tampa da caixa, respira-se profundamente. O vácuo, produzido pela absorção, faz com que a caixa se una à tampa, permitindo voltar-se ao contrário, com facilidade. Nesta posição, pega-se na tampa com o dedo indicador e o dedo polegar, mas com uma só mão—e coloca-se no lugar onde estava anteriormente, conforme a figura 2.

A DIVINHA

Este menino encontrava-se lendo o jornal, quando lhe vieram trazer um gelado.

Vejam com que prazer ãe o saboreia, o guloso.

Mas...— caso curioso!— agora reparo que com uma sílaba de cada uma daquelas palavras, «jornal e gelado» se pode formar o nome d'ele.

Serão os leitores também capazes de o formar?

A solução virá no próximo número.



O MOÇO DO MOLEIRO (Continuado da página 3)

O primeiro foi-se a António e berrou-lhe:

- «Não devias ter dito isso!»
- «Então, como é que se diz?»
- «Deus queira saiam os dois...»

Passada meia hora, o criado do moleiro chegou a casa do Zé da Tereza. Já não se recordava do pedido das medidas.

Ouvia-se grande choro e lamentações.

O rapaz dirigiu-se ao Zé da Tereza que, muito aflito, lhe disse:

— «Ainda bem que vieste... Vai num instante à vila chamar o doutor...»

— «Então o que foi, ti Zé?» perguntou o pequeno.

— «A minha mulher caiu dum carro de bois, vazou um dos olhos num fureiro e ficou com o outro muito ferido.

Despacha-te, António, corre, que não tenho mais ninguém aqui para ir à vila. Corre!...»

Então, o António Saltarico, muito penalizado, volta-se para o Zé da Tereza e diz, dando voltas ao carapuço:

— «Coitada! Oxalá saiam os dois...»

F

I

M

Por absoluta falta de espaço fomos forçados a retirar, hoje, o nosso Concurso

ENCONTRAI RIMAS

E FIXAI CONCEITOS

pelo que pedimos desculpa aos nossos pequeninos leitores

O CRIADO DO SENHOR JEREMIAS



O Sr. Jeremias resolveu, uma noite, ir ao teatro. Chamou o seu criado aldeão e disse-lhe:

—«Vais ao Teatro Nacional e compras uma

poitrona de orquestra que custa desassels escudos. E entregou-lhe essa quantia.»

O criado do Sr. Jeremias foi comprar os bilhetes ao teatro mas, quando lá chegou,

como visse que estavam outras pessoas a comprar bilhetes noutras bilheteiras, foi espreitar.

E então exclamou em surdina:



—«Grande pouca vergonha! Naquela bilheteira estão-se a vender os bilhetes a desassels escudos e nesta a quatro!»

E o criado do Sr. Jeremias, no auge da indignação, continuava a dizer com os seus botões:

—«E' claro que quem não sabe, cal em comprar ali mais caro, quando se vendem aqui mais baratos. Mas eu é que não sou parvo nenhum e sei zelar os interesses do meu patrão.»

Quando chegou a casa, o criado, todo

sorridente, apresentou ao Sr. Jeremias, quatro bilhetes de teatro.

—«O que vem a ser isto?!» Preguntou intrigado o Sr. Jeremias, olhando para os bilhetes sem compreender.

—«Eu explico a vossa senhoria — respon-



deu triunfante o criado. — E' que eles lá no teatro queriam intrujar-me mas eu é que não fui nisso, que eu não sou parvo nenhum...

Numa bilheteira estavam a vender os bilhetes a desassels escudos cada um, e e noutras a quatro escudos, e val eu, com o mesmo dinheiro de um lugar, trouxe a

vossa senhoria quatro bilhetes de geral porque me garantiram que, com estes bilhetes, se vê exactamente o mesmo espectáculo do que com outros.»